

Economia Solidária: Teoria e prática



A economia solidária foi objeto de debate no dia 8 de novembro, das 9 às 18h, na Unisinos, no seminário: “Economia Solidária, Teoria e Prática”, promovido pela Unitrabalho, do Instituto Humanitas Unisinos. No evento participaram nomes de destaque na área, entre eles o sociólogo francês Henri Rouillé d’Orfeuill, cotado para ser o ministro da economia solidária da França, caso Leonel Jospin tivesse ganho as eleições presidenciais. Também estiveram presentes Marcos Arruda, Heloísa Primavera, Euclides

Mance, Luiz Inácio Gaiger, Domingos Donida, Armando Lisboa, Noëlle Lechat, Ana Maria Sarria, Paulo de Jesus, Francisco Milanez, Lia Tiriba, Sérgio Kapron, Francisco Mazzeu e Paulo Albuquerque.

Marcos Arruda é pesquisador, economista, educador e membro da secretaria de relações internacionais do PT. Arruda tem participado internamente no debate sobre a construção do programa de governo de Lula e suas prioridades. Reproduzimos, a seguir, alguns trechos da exposição do economista aos participantes do encontro de Economia Solidária.

O BRASIL ESTÁ EM FESTA

Vou falar dos avanços a partir de três dimensões de nosso cérebro. A primeira é a dimensão de nosso cérebro direito que tem a ver com o nosso sentir. O Brasil está em festa. Nós estamos sentindo uma enorme alegria pela vitória do candidato que representa as forças oprimidas do Brasil, nos últimos 500 anos. É a primeira vez que nós temos um presidente da república que é originário dessas classes, que condensa na presença dele, toda a história da opressão que tem esmagado as maiorias no Brasil. Nós temos todas as razões para festejar. Estamos vivendo uma situação única em torno do Lula e da presença dele dentro da construção social e política de uma unanimidade em torno de um projeto de mudança. Existe um sentimento geral na sociedade brasileira de que é preciso mudar. Todos os candidatos a presidente unissonamente falaram de mudança, mesmo que cada um quisesse dizer uma coisa diferente. A mudança de Serra, por exemplo, era na continuidade, e essa brincadeira não quer dizer muita coisa para nós que o conhecemos.

Mais importante do que isso é que nós temos agora uma unanimidade que, para quem assistiu nos últimos dias à informação da reunião do Lula e da direção do PT, com a sociedade civil, incluindo todos os setores, deve ter visto a tentativa do Lula de colocar uma sinalização de que vai governar em frente. Ele vai buscar alianças para governar. Vai estar construindo uma articulação social em que a sociedade civil é um elemento determinante de fazer políticas públicas, ainda que seja num espaço apenas consultivo de formar um conselho de desenvolvimento econômico social. É muito importante porque está chamando a totalidade de representantes dos setores da sociedade para dizer "nós vamos estar dialogando o tempo todo". E isto passa um sentimento democrático participativo. É uma outra maneira de fazer política que se inaugura no Brasil.

LULA ESTÁ HERDANDO UM PAÍS DESAGREGADO

O segundo lado, o lado esquerdo do cérebro, é o pensar. Neste a gente se dá conta, primeiro de tudo, que o Lula está herdando um País desagregado, em bancarrota, um País que entrou no governo FHC em excelentes condições de subir, e oito anos depois foi levado também para o buraco. Na tomada de posse de FHC, estava se terminando toda uma era de altíssima inflação. Todas as condições favoreciam para que o governo fizesse um salto no desenvolvimento puxando um país fantástico como é o Brasil e lamentavelmente aconteceu o inverso. As últimas decisões políticas governamentais, sobretudo na política macroeconômica estão colocando o novo governo numa situação dramática; numa sinuca gravíssima e difícil de sair.

Segundo aspecto de nosso pensar: num futuro próximo, há uma probabilidade de uma grave crise financeira com quadros econômicos e sociais ainda mais drásticos que o que nós pensamos. E o governo novo vai ter que enfrentar isso com uma grande sabedoria. Tendo que equilibrar o que é possível com o que é desejável. E, em terceiro lugar, a correlação de forças não favorece políticas de mudanças, de transformação. Nós perdemos em alguns estados. Deixamos de construir uma frente mais sólida, embora tenhamos inovadoras representações nas duas casas do

Congresso. Assim mesmo, nós temos que governar. Vamos ter que fazer leis através de intensas negociações e construções de acordos com os vários partidos, e não há uma maioria fácil e evidente no Congresso. A sociedade não está educada para a participação. A sociedade civil votou, elegeu, festejou e voltou para casa e disse: agora, você, Lula, vai governar, como aqui já disseram: agora, você, Olívio, vai para o Palácio e governa e nós vamos para casa cuidar da vida. Essa cultura de delegação prevalece num País neocolonial como é o Brasil. São obstáculos subjetivos e objetivos que se colocam para nós no momento de iniciar um governo de transformação.

ERRADICAR A FOME

Devo sublinhar ainda a sabedoria da escolha desse eixo no projeto de governo de quatro anos que é o combate e a erradicação da fome e da miséria. Por quê? Primeiro, porque essa é a grande prioridade social e humana de um governo que se propõe ser um governo centrado no social. É preciso ter uma atitude emergencial para lidar com a mera luta pela sobrevivência de uma parte grandíssima da população brasileira. Um terço da população brasileira vive na fome, na má nutrição e na exclusão. Há outro aspecto: para viabilizar essa prioridade, será necessário reajustar toda a política econômica. De modo que ela é uma proposta praticamente irrecusável para todos os setores políticos e econômicos do País e está aí o pacto social em construção mostrando isso; ela vai condicionar esses mesmos atores, a aceitarem uma nova política econômica, para viabilizar esta prioridade. E eu considero isso muito interessante.

TRANSFORMAR EM REAL TUDO O QUE É POSSÍVEL

Terceira dimensão de nosso cérebro, o frontal, responsável pelo nosso agir, e aqui se coloca um desafio de como o governo pode atuar. É o desafio da governabilidade, na prática e para nós, é a governabilidade da transformação. É a disputa pela hegemonia cultural em torno de um projeto cooperativo e solidário de sociedade, de economia de relações humanas. E aqui o desafio primeiro é entender com profundidade o que é a nova conjuntura. A nova conjuntura criada pela vitória do governo Lula é de transformação conjuntural. Diante da correlações de forças que hoje prevalece, não é possível que o governo Lula, em quatro anos, seja capaz de uma transformação estrutural da sociedade brasileira. E o problema não é que o Lula não quer, é porque a correlação de forças que prevalece hoje não permite. A construção do novo governo junto com a sociedade tem que fazer parte dessa realidade, desta correlação de forças. De modo que deve-se combinar duas coisas muito importantes: o esforço pela transformação conjuntural e transformar em realidade tudo o que é possível. Isso é fazer política hoje: transformar em real tudo o que é possível, combinado com o horizonte da transformação estrutural. Ambas combinadas daria transformar em possível tudo o que hoje parece impossível. É preciso saber fazer a política do possível e ao mesmo tempo saber fazer da política um instrumento de conversão do impossível em possível. Esse é o horizonte da utopia e nós temos que inclui-lo em nosso projeto de governo.

O NOVO GOVERNO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Aí entra um elemento muito importante já ligado a nosso projeto de Economia Solidária. Nós precisamos pressionar e trabalhar com o Governo Lula para que ele coloque como horizonte de construção política fazer o máximo possível em quatro anos para que em caso de nós perdermos a eleição em 2006, a sociedade já mobilizada, já organizada terá que levar adiante o projeto da sua própria emancipação. Esse é o horizonte de sabedoria de qualquer governo que tem um projeto emancipatório, libertador. Esse é o horizonte também para o Governo Lula.

Devo mencionar que tanto o programa de governo do PT de 2001, quanto o novo programa de governo, publicado em junho deste ano, como também os discursos do próprio Lula e de outros dirigentes do PT foram integrando cada vez mais a intenção do governo de fortalecer o campo do cooperativismo, o campo do associativismo, o projeto autogestionário e a proposta de uma economia solidária. Isso foi resultado de muita luta e uma luta que não está fácil de ser vencida, porque dentro de próprio PT existe um terço ainda do que eu chamo de passado, que é a idéia de um projeto estatista de governo. E está presente e até talvez seja predominante no grupo que hoje ganhou a hegemonia do partido e do governo. Portanto essa luta que resultou em introduzir no programa de Governo um parágrafo sobre economia solidária foi uma luta árdua e difícil e vai ter que continuar. Não vai ser fácil de vencer. O projeto de outros dentro do partido é um projeto que eu chamo social democrata porque coloca como ator principal do processo de transformação social e econômica do País o Estado e não a sociedade. No nosso caso, o projeto é a sociedade como sujeito predominante, o Estado como subordinado a ela, a serviço dela, cercado dela por todos os lados. Deve prestar contas a ela. Mas, para isso, o Estado deve cumprir um papel de instrumento educativo e de estímulo à organização autônoma e solidária da sociedade.

O PAPEL DO ESTADO E O PAPEL DA SOCIEDADE

Então está colocado hoje para nós, a nível nacional, como construir um Estado que faça um papel orquestrador e educador da sociedade para seu próprio empoderamento e à medida que a sociedade se empodera para o autodesenvolvimento o Estado cumpre seu papel e se torna mais um elo facilitador, afirmador, criador de sinergias que transformam uma nação numa unidade na diversidade. É esse o desafio que é matéria de luta interna e luta social. Nós todos aqui e todos os companheiros e companheiras que não estão aqui, mas estão trabalhando no nosso campo temos que levar a frente.

Para realizar essa luta, nós temos que entrar por duas portas que dão no mesmo salão. Uma é a porta da política emergencial: nós temos que apresentar para o futuro governo a idéia de que a economia solidária é uma parte importante, potente da política emergencial de combate à fome, ao desemprego, à má nutrição e à exclusão. Esse, evidentemente, é um dos conceitos de economia solidária que tem um caráter assistencial e muita gente não vê ainda a economia solidária se não por esse ângulo. Mas nós não podemos negar esse ângulo, porque ele é importante. Ele desempenha um papel muito importante com uma parte do que hoje se chama de cooperativismo popular, que é a organização dos trabalhadores,

ou que estão sendo demitidos, ou que já estão excluídos do mercado de trabalho, integrando-o numa atividade econômica de qualquer tipo que garanta a sua sobrevivência e que começa a gerar o mínimo de condições para a vida dele, a qualidade de vida. Então, acho que esta dimensão é muito importante e pode servir de argumento para persuadir o governo novo de que esse plano tem que entrar nas novas políticas de governo.

Mas a outra dimensão que eu acho a mais importante tem que ser matéria de luta ideológica com eles também. E esta é a visão de um projeto de economia solidária como um sistema social e econômico alternativo ao capitalismo; portanto, pós-neoliberal e pós-capitalista. Um projeto de colaboração solidária. Uma sociedade ligada entre si com formas de colaborar, trabalhar juntos, solidariamente, ligados indissoluvelmente pelos laços que nos unem. Mas não só ligados materialmente, naturalmente, automaticamente, porque estamos no mesmo espaço e somos da mesma espécie. Não, uma relação consciente. Esse é o desafio da solidariedade. Não é suficiente reconhecer que somos seres interligados uns com os outros pela própria natureza. É transformar essa consciência da solidariedade natural, em solidariedade consciente, optada, escolhida a cada momento.

ACONTECE

DCE 2003

A Chapa 3, intitulada *A Nova Opção* foi a mais votada para o comando do DCE da Unisinos, nas eleições para o Diretório na semana passada. A chapa vencedora obteve 2.495 dos votos válidos, ou 40,2% da preferência dos eleitores. A Coordenação Geral do Diretório é dos alunos Adriane Leitão (Direito); Mariana Escobar (Nutrição); e Rodrigo Maroni (História). Na Secretaria Geral está Eduardo Fagundes (História), e Maiquel da Rosa (Comércio Exterior), como primeiro-secretário. O novo Tesoureiro Geral é Rodolfo de Castro (Direito) e seu apoio é Rodrigo Lima (História) como primeiro-tesoureiro.

A Chapa 2, *Reação em Movimento*, alcançou 1888 votos, contabilizando 30,43% do total. Já a Chapa 1, *Avançar na Luta*, contou com o voto de 1821 estudantes, ficando com 29,35% dos votos. Nenhuma urna foi impugnada. Foram somados apenas 11 votos brancos e 9 nulos. A apuração encerrou por volta das 16 horas de sexta-feira, dia 8.

"Protagonistas da história"

Nos dias 1º, 2 e 3 de novembro, aconteceu, na Unisinos, o evento *Protagonistas da História*. Fruto de uma parceria entre a Comunidade Missionária de Cristo

Ressuscitado e o Instituto Humanitas Unisinos, o evento reuniu mais de cem jovens de Porto Alegre, Sapucaia, Canoas, Caxias do Sul, São Leopoldo, Rolante, São Sebastião do Caí, Estância Velha, Guaíba, Novo Hamburgo e Viamão. Além de estudantes da Unisinos, o encontro acolheu jovens de outras universidades, como Ulbra, Fapa, Ufrgs e Feevale, assim como alguns jovens de segundo grau e outros que já concluíram o curso universitário. O evento desafiou os jovens para um protagonismo maior na sociedade. Eles olharam a realidade atual brasileira com seus desafios, sob diversos ângulos. Profissionais e estudantes de áreas distintas fizeram depoimentos, mostrando formas específicas de responder aos desafios da realidade com o exercício da profissão. O encontro caracterizou-se pelo protagonismo dos jovens no próprio encontro. Um grupo de universitários participou ativamente na coordenação dos grupos, dinâmicas, palestras e trabalhos em geral. Na ocasião, foi apresentado o Evangelho e a pessoa de Jesus Cristo como o maior protagonista da História, abrindo, assim, um espaço para a vivência religiosa, como forma de orientar a própria vida, a partir de uma proposta concreta: a do Evangelho. A logomarca do encontro foi uma digital, significando o caráter único, individual e original de cada participante e ao mesmo tempo a idéia de deixar o Evangelho marcar a vida para cada um poder marcar a história. Após o *Protagonistas da História*, formaram-se grupos por proximidade geográfica para dar continuidade, durante o ano, ao tema refletido e projetos de ação possíveis. Haverá dois grupos em Porto Alegre e três em São Leopoldo.



Ecos do evento

insuspeitável.

realidades diversas como jovens do interior cuja realidade é bem diferente da realidade das cidades".

"Foi muito bom. Uma experiência muito diferente de outras que já tinha vivido. O encontro marcou muito a questão de viver a fé na vida, na prática, na relação com os outros e na sociedade. O evangelho possui uma força de transformação da sociedade

Gostei da convivência. Muita gente de

Moisés Sbardelotto
Estudante de jornalismo UFRGS

"Gostei muito da formação de uma rede para dar continuidade ao encontro. Para mim, o encontro apresentou o início de um estilo de vida novo e bem prático de ser vivido. A partir de agora ficamos em pequenos grupos, mas entre todos formamos um grande grupo que vai ter muita força na Universidade".

Melina Nunes Toledo
Estudante de Serviço Social na Unisinos

"Foi o melhor dos que já participei. Foi muito bem pensado e organizado. Houve uma participação enorme não tanto em número mas sim na forma de nossa participação, que estivemos no final de semana. Foi muito dinâmico, tudo estava em movimento permanente. Nos sentimos todos por igual, a opinião de cada um era muito importante. Realmente me surpreendeu".

Mariana Wandel

As mulheres e a filosofia

Foi lançado pela Editora Unisinos na Feira do Livro, semana passada, o primeiro livro brasileiro sobre a relação entre a Filosofia e as Mulheres. Com o título *As Mulheres e a Filosofia*, o livro foi organizado pelas professoras Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia, Edla Eggert, do PPG em Educação e Magali Menezes, professora da Feevale e Unilasalle.

Segundo a professora Márcia Tiburi, a obra é o resultado de um simpósio ocorrido aqui na Universidade, em 2001 com o mesmo título. O livro reúne textos das conferências e de todo o material elaborado durante o evento. Esta é a primeira publicação no Brasil com esse tema, daí sua importância. Segundo a professora, o assunto já é abordado na literatura nos países da Europa, nos Estados Unidos e até na Ásia. A filósofa salienta que falar da mulher e relacioná-la com a Antropologia, a Psicologia, o Direito e até a Teologia é comum, mas não com a Filosofia. "Torna-se uma novidade, porque a área da Filosofia sempre foi de domínio masculino. É uma tradição do pensamento que associa os homens à capacidade conceitual. "Homem é igual à razão, mulher é igual à emoção", explica. O livro objetiva desfazer esse conceito da razão patriarcal, buscando o que está por detrás da história, qual o fundo antropológico.

Para Márcia, é a Filosofia que funciona como articuladora das diferentes áreas, porque providencia uma relação produtiva entre a teoria e a prática. A sua prática é a própria teoria. "Isso implica a discussão do livro trazida à tona e sedimentada pela Filosofia, considerando que a Filosofia se baseia na fundamentação e na crítica. É um gesto político no bom sentido", afirma.

Dentro do assunto está prevista uma segunda edição do Simpósio *As Mulheres e a Filosofia* para 2003, agora com abrangência internacional. O título será *A Linguagem ou algo do gênero*. Espera-se, a partir desse evento, uma nova publicação.

A sessão de autógrafos aconteceu na quinta-feira, dia 7, às 19 horas, durante o lançamento da obra na Feira do Livro. Hoje acontece o lançamento na Livraria Literata, localizada em Porto Alegre, na rua Dona Laura, número 307. O livro está à venda na Editora Unisinos e na Livraria Cultural por R\$ 30,00. Na Feira do Livro, o desconto é de 20%.

Semana Sociedade e Ambiente

A Semana Sociedade e Ambiente, ocorrida na Universidade semana passada e promovida pelo Setor 1 - Ética, Cultura e Cidadania do Instituto Humanitas Unisinos, suscitou, na comunidade acadêmica, a discussão sobre as grandes questões relacionadas ao meio-ambiente. As conferências, relatos de experiências, apresentação de trabalhos e exposições colaboraram na discussão e abriram novos desafios. Segundo o professor Laurício Neumann, coordenador do Setor 1 e membro da comissão organizadora do evento, o importante é falar sobre o que está sendo feito em termos de ações no âmbito da educação e da preservação ambiental.

IHU On-Line conversou com o professor Henrique Fensterseifer, responsável pelo Projeto Camaquã e membro da comissão organizadora da Semana Sociedade e Ambiente. O professor Henrique apresentou o tema “*Preservação ambiental na bacia do Camaquã – Ciência e Relações Humanas*” no *IHU Idéias* de 8 de agosto deste ano. Confira trechos da entrevista:

IHU On-Line - Quais as ações que o senhor aponta como as mais concretas em relação à educação e preservação ambiental no Estado do Rio Grande do Sul?

Henrique Fensterseifer - Eu citaria a reafirmação da criação de comitês de gerenciamento de bacias hidrográficas. As bacias mais importantes já têm comitês. A criação deles é fundamental para a implantação política de planejamento e gestão das águas e do ambiente. O que efetivou a implantação foi a criação de legislação no Estado pertinente ao assunto. É importante considerar também o aumento significativo da consciência ambiental da população. Em parte, pode se atribuir mérito às escolas, que oferecem educação ambiental, e à própria mídia, que está despertando o interesse das pessoas pelo assunto.

IHU On-Line - Qual a importância do papel do Estado com relação ao meio-ambiente?

Henrique Fensterseifer - Está sendo determinante o engajamento das promotorias públicas do Estado, controlando e penalizando juridicamente os infratores que agredem o meio-ambiente, seja instituições, seja pessoas físicas.

IHU On-Line - O que está sendo feito de concreto nos municípios do RS?

Henrique Fensterseifer - A criação de secretarias de meio-ambiente está sendo fundamental na mobilização política para o planejamento e a conservação do meio-ambiente. O que se vê nos municípios é o aumento da preocupação por parte da população com os resíduos sólidos urbanos (lixo). Estão sendo criadas associações para o tratamento do lixo de forma integrada: dois ou três municípios se unem e investem numa determinada área que fará a triagem (separação), o reaproveitamento e a reciclagem do lixo.

IHU On-Line - E como está a preocupação ambiental por parte das indústrias?

Henrique Fensterseifer - As indústrias cultivam essa preocupação há mais tempo. Elas buscam melhorar tecnicamente seus produtos, por meio do aproveitamento dos efluentes e dos resíduos industriais, até por uma questão econômica. A pressão internacional pela exigência de não-poluição é muito grande. Um produto só é exportado com sucesso se for comprovado que não causa danos ambientais em sua fabricação.

IHU On-Line - Como o senhor vê a repercussão da Semana Sociedade e Ambiente na Universidade?

Henrique Fensterseifer - Considero que está sendo muito bom. Nosso objetivo não é apenas fazer com que as pessoas tomem conhecimento do que é feito, mas mostrar como se trabalha tecnicamente a questão da preservação ambiental. Isso para todas as diferentes áreas da Universidade. A maioria das pessoas que comparece demonstra uma sensibilidade ambiental importante. Já vem com as idéias formadas, buscando melhorar e acrescentar algo ao conhecimento ambiental. A Unisinos oferece muitos eventos, e o público acaba se dispersando. Em vista do tema do

evento e da sua importância, poderíamos ter um público bem maior, considerando a população acadêmica.

LIVROS & ARTIGOS

LIVRO DA SEMANA

NOVA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO? UM OLHAR VOLTADO PARA A EMPRESA E A SOCIEDADE

HELENA HIRATA

O livro da semana é de Helena HIRATA, *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

A autora do livro, Helena Hirata, socióloga especializada em comparações internacionais do trabalho e das relações de gênero, é pesquisadora do Genre et Rapports Sociaux (GERS) do Centre National de la Recherche Scientifique, na França. Formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo, no Brasil, publicou *Sobre o "modelo" japonês* (Edusp).

RICARDO ANTUNES, PROFESSOR DA UNICAMP, APRESENTA O LIVRO

“O livro *Nova divisão sexual do trabalho?*, de Helena Hirata, é o resultado de longa reflexão feita por uma das mais importantes pesquisadoras sobre a temática que trata das interfaces e transversalidades entre trabalho, classe e gênero. Com uma contribuição que tem significativa repercussão mundial, Helena Hirata apresenta, neste livro, o resultado (inédito no Brasil) de duas décadas de densa e rigorosa pesquisa, com o olhar acompanhando as inúmeras particularidades e metamorfoses que vêm ocorrendo no mundo do trabalho.

Países como Japão, França e Brasil são pesquisados de modo comparativo, sempre perseguindo a hipótese de que, quando se assume um enfoque do ponto de vista das relações de gênero, o problema do emprego feminino transcende em muito a análise do mercado de trabalho.

Percorrendo as múltiplas faces do trabalho, a autora confere à dimensão sexuada elemento de relevância nos estudos do trabalho. E, ao fazer isso, mescla, com riqueza de pesquisa e análise, tanto as dimensões econômicas e sociais quanto as sexuais, para se compreender a nova divisão internacional do trabalho, com suas inúmeras clivagens.

Dentre suas descobertas, Helena Hirata constatou uma extrema diversidade na gestão da força de trabalho, em função da divisão sexual, quando o olhar tem como referência o corte Norte-Sul. Reconhece, por exemplo, no que concerne à organização do trabalho dos três países acima referidos, que o trabalho manual e repetitivo era predominantemente atribuído às mulheres, sendo que aquele mais dotado de atributos e conhecimentos técnicos era predominantemente destinado

aos homens. Enquanto as áreas de trabalho intensivo são reservadas predominantemente às mulheres, aquelas dotadas de maior capital intensivo, com maior incremento tecnocientífico, são majoritariamente destinadas ao trabalho masculino.

Disso decorre freqüentemente uma maior precarização do trabalho das mulheres, recorrentemente em regime de *part-time*, marcado por maior informalidade, redução salarial, e também pela falta de perspectiva promocional na carreira, restrições na política de formação profissional, mesmo quando o emprego é marcado por estabilidade, como é o caso do emprego público.

Captando diferenciações também no que concerne à organização do trabalho, aos sistemas de remuneração, a autora nos mostra como se enriquece a análise quando se apreende que tais políticas são também diferenciadas segundo o sexo.

Com o olhar atento nessa morfologia do trabalho, Helena Hirata afirma que, "nas análises sobre as relações sociais de sexos, entendidas como relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas ou antagônicas de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas, a preeminência de um dos componentes dessas relações, seja o componente de opressão/dominação de sexo, seja o componente superexploração econômica, constituiu uma das diferenças mais importantes que fragmentaram o campo das pesquisas e dos movimentos feministas, tanto no Norte quanto no Sul".

Recusando as dicotomizações e os dualismos, Helena Hirata oferece uma densa articulação entre esses níveis analíticos essenciais do ser social. De sua pesquisa resulta uma reconceitualização do trabalho, em sua subjetividade ao mesmo tempo sexuada e de classe. Ao enfrentar essas dificuldades e complexidades, próprias da análise transversal, Helena Hirata, com o seu livro *Nova divisão sexual do trabalho?*, oferece uma contribuição densa e original, que em muito engrandece a Coleção Mundo do Trabalho".

ENTREVISTA COM HELENA HIRATA

Reproduzimos, na íntegra, a entrevista da autora concedida ao *Jornal do Brasil*, 17-8-02.

"Divisão sexual do trabalho é injustiça"

A socióloga Helena Hirata fala sobre as relações entre gênero e emprego no Brasil, França e Japão

A socióloga Helena Hirata conhece como ninguém as estreitas relações entre a exploração do trabalho assalariado e a opressão do masculino sobre o feminino. Especializada em comparações internacionais de trabalho e de gênero, Helena tem sempre em foco os espaços - ou os vazios - em que transitam as mulheres nos empregos públicos, no meio rural ou nas empresas. Morando há 30 anos na França, ela é pesquisadora do Genre et Rapports Sociaux do Centro Nacional de Pesquisa Científica. Mas seu universo de abordagem vai muito além da Europa. Seus três eixos de atuação são Japão, Brasil e França. Helena já publicou *Sobre o modelo japonês* (Edusp) e agora está lançando *Nova divisão sexual do trabalho?* (Boitempo). De passagem rápida por São Paulo, onde trabalha no desenvolvimento de uma pesquisa internacional sobre desemprego no mundo, a socióloga falou ao **JB** acerca dos maiores avanços na divisão sexual do trabalho e sinalizou o que ainda falta acontecer para que preconceitos, discriminações e, sobretudo,

dominação sexual não façam mais parte do cotidiano das empresas em nenhum país do mundo.

- Em relação às mulheres trabalhadoras, quais seriam os tipos (e as razões) de discriminação mais comuns nas empresas do Japão e no Brasil?

- No Brasil, vários tipos de discriminação são encontrados. Pesquisas recentes indicam, por exemplo, que homens negros têm rendimentos menores do que mulheres brancas em várias cidades brasileiras. Por isso, a hierarquia afirmada pelas teorias feministas da supremacia do masculino sobre o feminino merece ser rediscutida. Deve-se notar, porém, que as mulheres negras são o grupo de rendimentos mais baixos. Outra discriminação patente no Brasil se refere ao trabalho das mulheres casadas, e a preferência por empregar jovens solteiras, o que é condizente com a ampla oferta de mão-de-obra no mercado e as facilidades para recrutar e demitir, diferente do caso japonês. Neste, a discriminação se faz principalmente pelo emprego de mulheres em tempo parcial, cujas horas trabalhadas quase não diferem dos trabalhadores em tempo integral, mas que têm um estatuto de horistas, sem benefícios sociais e sem perspectivas de carreira ou de promoção.

- Ainda falando do Japão, as empresas, para muitos funcionários, são vistas como um inferno. A relação de resignação com os patrões e o regime quase sem férias que se tem por lá contribuem para formar um quadro de terror. Ainda em termos comparativos, quais seriam os sentimentos mais comuns que animam a relação entre os empregados brasileiros, as suas respectivas empresas e os seus patrões?

- Seria difícil dar uma resposta única. Entretanto, a comparação Brasil e Japão permite ressaltar a importância bem maior do fator econômico (a questão salarial) no discurso dos trabalhadores brasileiros. Também permitiu perceber o sentimento de enorme distância entre esses últimos e a direção das empresas, o que é corroborado pela concentração de renda e pelas enormes diferenças sociais, bem menos marcadas no caso japonês. Entretanto, eu não falaria no "quadro de terror" da empresa japonesa, com expressões que lembram o romance de Amélie Nothomb sobre as humilhações sofridas por uma assalariada ocidental numa empresa japonesa, pois trata-se de um julgamento e de uma expressão que partem da percepção ocidental.

- Quais foram os principais avanços no modelo de trabalho no Brasil?

- As organizações internas das empresas, como as comissões de fábrica, permitiram o acesso a dados para a própria discussão sobre o modelo de trabalho no Brasil. Infelizmente, parece que tais experiências não se generalizaram nem se institucionalizaram no Brasil, como as *sections syndicales* que existem nas empresas francesas. Infelizmente, os problemas parecem ter se avolumado nos últimos anos com a destruição de empregos e qualificações, intensificação do trabalho, terceirização e externalização da produção, precarização crescente das condições de vida: transporte, moradia, saúde, educação, cultura, parte de um "melhor modelo de trabalho", no sentido lato.

- O conceito "especificação sexual dos empregos", citado em seu livro, vem mudando?

- Existem funções e tipos de emprego masculinos e femininos: os postos de trabalho exigindo responsabilidade, iniciativa e exercício da autoridade são freqüentemente

masculinos; os trabalhos que requerem disponibilidade, relação de serviço a outrem e paciência são alocados às mulheres: professoras primárias, atendentes de enfermagem, empregadas domésticas, por exemplo. A construção social da incompetência técnica das mulheres tem como consequência a atribuição de empregos exigindo formação técnica aos homens. Não vi nenhuma mulher ocupando um posto de operador em sala de controle de processos automatizados na centena de empresas pesquisadas no Brasil, Japão e França.

- Quais foram os maiores avanços que a década de 90 trouxe para a trajetória feminina?

- Os anos 90 trouxeram uma mudança em relação à "especificação sexual". Tal especificação continua existindo, e as características descritas permanecem, mas aumentou significativamente o número de mulheres na categoria dos "executivos" e das profissões que exigem diplomas do ensino superior, tanto na França quanto no Brasil. Cresceu enormemente o número de gerentes mulheres nos bancos e instituições financeiras. Aumentou o número de médicas, arquitetas, advogadas, juízas, professoras e pesquisadoras universitárias.

- Estas mudanças configuram uma nova divisão sexual do trabalho?

- Certamente a tendência aponta para mudanças significativas, mas a divisão doméstica continua praticamente intacta. A meu ver, uma nova organização sexual do trabalho depende de mudanças fundamentais na esfera doméstica e também na divisão do saber e do poder entre os sexos.

- Os estudos sobre mulheres têm se espalhado pelo mundo afora. Em que medida a teoria pode ajudar na prática?

- Como na psicanálise ou no marxismo, teoria e ação são indissociáveis no feminismo, e ele pode, nesta medida, ter repercussões na prática. Entretanto, existem várias teorias feministas. Na França, há correntes feministas que se intitulam "luta de classes", outras conhecidas pela qualidade literária de suas integrantes (Julia Kristeva, Hélène Cixous, Luce Irigaray) e que representam, para os anglo-saxões, o "*French feminism*". O feminismo indica perspectivas de transformações fundamentais nas relações entre homens e mulheres e entre classes sociais.

- A senhora analisa as razões mais freqüentes que os patrões costumam dar para empregar mulheres. Aspectos como "tolerância" podem esconder a preferência por um grupo que, pelo menos em tese, seria mais dócil e submisso?

- Certamente a socialização diferenciada para meninos e meninas considera a agressividade ou o espírito guerreiro uma virtude quando se trata dos primeiros, mas é um defeito caso apareça associada ao sexo feminino. Mas a expectativa de que as mulheres não reivindicuem nem participem de ações coletivas nem sempre é correspondida, vide o movimento das enfermeiras na França, em 1989-1990, que tinha como palavra de ordem: "*ni bonnes, ni connes, ni nonnes*" (nem criadas, nem imbecis, nem freiras).

- Em termos de formação educacional e profissionalizante, a senhora observa em seus estudos uma grande distância entre os níveis de escolaridade de homens e mulheres no Brasil?

- Nas empresas, verifiquei que as mulheres tinham muito mais anos de estudo que os homens. Esse nível mais elevado de formação explica, aliás, a entrada significativa das mulheres nas ocupações mais prestigiosas e mais qualificadas na década de 90. O fato de o salário feminino ser sistematicamente inferior em todas as partes do mundo é, se levarmos em conta esse fator, ainda mais injusto.

- Nas regiões mais empobrecidas do Brasil, deve existir uma interface diferente entre gênero e trabalho do que nas regiões mais ricas. Ou não?

- As famílias chefiadas por mulheres - muitas vezes sinônimo de precariedade e pobreza - existem em maior porcentagem nas regiões menos desenvolvidas do país. Ao mesmo tempo, parece-me que experiências inovadoras emergem e são pesquisadas nestas regiões, como a do trabalho das mulheres em cooperativas de produção ou a atividade das mulheres nos assentamentos rurais.

- O assédio sexual nas empresas é uma questão pertinente a pesquisas como esta?

- Sim, pois nele o abuso sexual parte de superiores hierárquicos: trata-se de um caso exemplar em que opressão de sexo e a exploração de classe se conjugam. O assédio sexual na empresa é uma expressão concreta de que a esfera do econômico é aquela em que, simultaneamente, é exercido o poder dos homens sobre as mulheres.

Artigo da Semana

TRÊS HISTÓRIAS EXEMPLARES DE NOTÍCIAS QUE PRODUZEM ANGÚSTIA BERNARDO KUCINSKI

Com o título acima, Bernardo Kucinski, analisa o noticiário da *Folha de São Paulo* depois das eleições de outubro. O jornalista mostra no artigo que “hoje se trabalha muito com o conceito construtivista de que há um processo social de construção da notícia, passando por instâncias individuais, sistêmicas e operacionais. Nesse processo, dá-se um embate ideológico no interior do próprio processo – por exemplo entre a instância individual e a sistêmica. Entre o autor-jornalista e o sistema de determinações da empresa” O artigo foi publicado pela **Agência Carta Maior** 4-11-02.

PRIMEIRA HISTÓRIA

Manchete de primeira página de um grande jornal brasileiro da última sexta-feira, 1º de novembro: “*FMI pedirá superávit maior ao Brasil*”. A notícia é alarmante. Diz que o “FMI aconselhará “fortemente” ao Brasil o aumento da meta de superávit primário”. Com isso, antecipa problemas sérios para um governo Lula, que, em tese, precisa gastar mais e não menos na área social. O fio condutor da narrativa é a perspectiva de tensão entre o governo Lula e o FMI, enfatizado pelo advérbio “fortemente”. No título interno, a idéia de tensão é exercida pelo advérbio “já”: “FMI pressiona o governo a elevar já meta de superávit”.

Mas a leitura atenta da matéria amostra que o repórter desse jornal falou apenas com um único “técnico” do FMI (não com um de seus dirigentes) e esse técnico “admitiu ouvir argumentos em contrário. Tanto do governo brasileiro como do representante do PT que participar (da reunião de novembro)”. Na fala desse

técnico, não está expressa em nenhum momento intenção de confronto ou de pressão, e sim a de acordo, de compromisso. O jornal não se propôs informar adequadamente o leitor. Sua proposta foi a de criar angústia.

SEGUNDA HISTÓRIA

Manchete de página inteira na mesma edição: “*Mínimo e IR já criam divergências no PT*”. De novo a idéia de tensão, conflito: Lula “nem tomou posse mas (...) o PT já tem de administrar divergências internas, quando entram em pauta salário mínimo, aumento de impostos e de juros”. Quem votou em Lula sente uma alfinetada de angústia. Será que vai dar tudo errado? Será que ele não vai cumprir o que prometeu? Ou, o que é pior, será que vai ocorrer uma crise?

Mais uma vez, o fio condutor dessa narrativa é a perspectiva de crise. Dessa vez, entre um governo Lula e sua bancada. Os dois repórteres não consideraram que esse tipo de discussões de um partido de oposição que chega ao poder é natural e o mais provável é haver um acerto de posições, sobre esses e outros assuntos. A contextualização sensata da informação tiraria dela seu potencial de criar angústia.

TERCEIRA HISTÓRIA

Manchete de página inteira do caderno “*Cotidiano*” no último domingo, dia 3, no mesmo jornal: “*Cota para negros volta polêmica e indefinida*”. Diz o texto que “Dificuldades de ordem técnica estão no caminho do futuro ministro da educação do governo Lula para implantar uma das medidas mais polêmicas do programa petista (...) Lula terá que se equilibrar entre as cobranças do movimento negro do partido e a oposição de reitores, manifestada em muitas ocasiões.”

Viram o drama? Terrível. Lula quer implantar as cotas, mas os reitores são contra. A idéia de tensão é introduzida quase subliminarmente pela expressão “equilibrar-se entre cobranças”. Como numa corda bamba, Lula tem de se equilibrar, e pode até cair. E as universidades têm autonomia, diz a matéria, o que torna as coisas ainda mais difíceis. Outra angústia, principalmente entre os negros.

Mas essa tensão, introduzida na abertura e mantida como fio condutor da narrativa, não tem base nas poucas informações do corpo da matéria. Apenas uma reitoria, a da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, se opôs à idéia das cotas para negros. Mesmo assim está implantando a cota já neste vestibular – sendo pioneira no País e obedecendo a uma lei estadual. O que também mostra que as universidades não têm essa autonomia toda. E o repórter não sabia ou não quis mencionar que a maior universidade brasileira, a USP, já começou a discutir uma proposta de cotas para negros.

A Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior “evitou tomar posição”, informa a reportagem, e os 42 reitores que se reuniram para debater o assunto concluíram “que a questão era mais complexa”.

Claro que é complexa. Esse é o problema. Na USP, por exemplo, a discussão empacou no problema de como operacionalizar as cotas. Como definir quem é negro? E por que não cotas para brancos pobres? O fato de uma questão ser complexa não significa conflito ou tensão.

UM NOVO CONCEITO DE NOTÍCIA

O jornal, vocês já adivinharam qual é: a “*Folha de S. Paulo*”. Ao adotar o potencial de criação de angústia como critério de seleção dos fatos e de sua transformação em notícia, a “*Folha*” está dando mais uma notável contribuição à teoria do jornalismo.

As teorias da notícia evoluíram muito desde suas primeiras formulações funcionalistas ou marxistas. Os funcionalistas ou estruturalistas, como Van Dijk, diziam que do infinito número de fatos que podem virar notícia, os editores

selecionam os mais próximos, os que mexem com pessoas mais famosas e os de maior importância. Os marxistas diziam simplesmente que notícia é a “transformação da informação em mercadoria”.

Hoje se trabalha muito com o conceito construtivista de que há um processo social de construção da notícia, passando por instâncias individuais, sistêmicas e operacionais. Nesse processo, dá-se um embate ideológico no interior do próprio processo, por exemplo, entre a instância individual e a sistêmica. Entre o autor-jornalista e o sistema de determinações da empresa.

A "FOLHA", DA PÓS-MODERNIDADE À ANGÚSTIA

O novo conceito de notícia adotado pela “Folha” parece se inspirar nos ideólogos da pós-modernidade, para os quais não existe uma realidade objetiva e tudo é discurso. Os pós-modernos trabalham a notícia a partir do conceito de discurso de Foucault. Para eles, a notícia é um processo social específico não só de produção, mas também de instituição de significados. No limite, os pós-modernos mais radicais dizem que não é o fato que gera a notícia: a notícia é o fato.

No projeto “Folha” de hoje, o fato mais freqüente, instituído pelas suas notícias, especialmente pelas suas manchetes, é o sentimento de angústia. E o critério de escolha e edição das notícias é seu potencial de gerar angústia. Para a “Folha”, notícia é o fato capaz de produzir angústia. Mesmo que seja preciso forçar um pouco a barra, o importante é que a matéria jornalística crie no leitor uma sensação de desconforto, de medo, de que algo ruim está prestes a acontecer. O leitor da “Folha” que se cuide.

Entrevistas da Semana

A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES. UMA ANÁLISE
MAURO PORTO

ÉTICA E FILOSOFIA,
PE. HENRIQUE DE LIMA VAZ.

A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES. UMA ANÁLISE

Para professor, melhor cobertura política da mídia foi por adaptação

A qualidade do tratamento jornalístico dedicado às eleições e a participação da sociedade civil nas questões políticas se fortaleceram durante a campanha deste ano. A opinião é do pesquisador da UNB entrevistado pela Agência Carta Maior, 4 de novembro de 2002, professor Mauro Porto.

O quarto poder tudo pode e nada articula fora das grandes conspirações nas quais está enredado. Com vastos estudos abordando a relação entre televisão e política no Brasil na bagagem, o coordenador do Nemp (Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política) e professor de Comunicação da UnB (Universidade de Brasília), Mauro Porto, diverge da linha adotada por muitas das análises que envolvem a cobertura política da imprensa, expressa no início deste parágrafo.

De acordo com o pesquisador, é preciso superar a concepção de que a mídia é onipotente. “Quanto mais a democracia avança, os meios de comunicação correm maiores riscos de constrangimento”, reforça Porto, PhD em Comunicação pelo Departamento de Comunicação da UCSD (Universidade da Califórnia em San Diego), nos EUA.

Há mais de um ano à frente do Nemp, o professor não dedica apreço às teorias conspiratórias que envolvem a relação dos meios de comunicação com o poder público e com outros setores influentes da sociedade. Para ele, os políticos sabem muito bem da importância e do alcance da mídia, mas nem tudo pode ser detalhadamente orquestrado em reuniões e conversas de cunho privado.

Em entrevista à **Agência Carta Maior**, Porto faz uma breve análise da atuação da imprensa com relação às eleições, na qual defende uma mútua alimentação entre a evolução da cobertura política dos meios de comunicação brasileiros e a participação da sociedade civil nas questões que envolvem a coisa pública.

Agência Carta Maior - *A evolução do comportamento da mídia na cobertura das eleições que terminaram no último dia 27 de outubro, é um consenso. O que o senhor destacaria deste novo comportamento dos meios de comunicação com relação às campanhas políticas e a todos os seus desdobramentos?*

Mauro Porto - Houve, sem dúvida, uma melhora no tratamento que a mídia dedicou às eleições. Um dos fatores que marcaram a mudança foi aquilo que muitos chamaram de "superexposição" dos candidatos. No meu entender, quanto mais cobertura - obviamente deixando de lado qualquer tipo de parcialidade e tom tendencioso - melhor.

Nesse sentido, vale destacar a clara mudança da *TV Globo*, por meio de seu telejornal de maior audiência, o *Jornal Nacional*. O principal programa jornalístico da emissora apresentou duas inovações que precisam ser destacadas: rodada dupla de entrevistas com os quatro principais candidatos à Presidência da República, antes do primeiro turno das eleições, e matérias especiais sobre os mais variados temas relacionados às eleições.

CM - *O senhor vê esta mudança como uma tentativa da TV Globo de revitalizar a credibilidade do Jornal Nacional?*

MP - É preciso atentar para o fato de que esta mudança não é um fenômeno isolado recente. Em 1995, as *Organizações Globo* iniciaram um movimento de recuperação de credibilidade do seu telejornalismo para tentar deter a queda de audiência. Foi quando Alberico Souza Cruz, dono de relações íntimas e promíscuas com o ex-presidente Fernando Collor, foi substituído por Evandro Carlos de Andrade no comando do *Jornal Nacional*. Evandro engendrou o afastamento da dupla de "locutores" Moreira/Chapelin. Jornalistas assumiram a apresentação do telejornal. Na época, as pesquisas de opinião mostravam que o público reprovava a mudança. O fato de a emissora não ter recuado é um claro indício de que estava em curso um plano de mudança na linha editorial do programa.

CM - *Mas e a cobertura das eleições de 1998?*

MP - A mudança no *JN* não foi linear. Justamente pelos idos de 1997 e 1998, a emissora optou pela diminuição da cobertura política em seus telejornais por acreditar que a mesma vinha provocando quedas na audiência dos programas. Foi quando as notícias superficiais imperaram no *Jornal Nacional*. A cobertura do nascimento da filha da Xuxa foi uma espécie de clímax desse tipo de jornalismo.

CM - *De acordo com o senhor, o que vimos nesta eleição foi, então, uma retomada do projeto de resgate da credibilidade pela TV Globo. Houve influência da sociedade nesse processo?*

MP - Certamente. Temos que superar a concepção de que a mídia é onipotente. Quanto mais a democracia avança, os meios de comunicação correm maiores riscos de constrangimento. Essas mudanças na linha editorial do *JN*, por exemplo, não são apenas de convicção, mas também de adaptação. A campanha presidencial mostrou que em 2002 não há espaço para manobras grotescas como a lamentável edição do debate entre Collor e Lula na véspera do segundo turno das eleições de 1989. Outro sinal importante é a multiplicação de ONGs (Organizações Não-Governamentais), grupos acadêmicos e profissionais especializados que realizam o monitoramento da imprensa.

Eu diria que os dois processos (evolução da cobertura da mídia e influência da sociedade civil) se alimentam. Tudo isso ajudou para que as eleições deste ano derrubassem outro mito: o de que a política faz despencar a audiência.

CM - *Além da relação entre a imprensa e o público na cobertura política, não se pode ignorar a atuação da "mão forte" do poder público. Como o senhor viu a assinatura da MP 70, que permite a entrada do capital estrangeiro em empresas de comunicação, às vésperas do primeiro turno das eleições?*

MP - Os grupos que detêm as empresas de comunicação no Brasil estão passando por uma grave crise e essa dependência deles para com o governo é um problema bastante delicado. Não tenho uma resposta para a sua pergunta. Acho apenas que esse assunto foi engolido por outro grande mito que envolve a grande imprensa: o apelo à teoria da conspiração. É claro que os políticos têm noção da importância e do alcance da mídia, mas não concordo com essa visão conspiratória de que "há uma intenção secreta em tudo o que se faz".

CM - *Para encerrar, o senhor diria que a mídia enxergou o agora presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva "com outros olhos" na campanha das eleições deste ano?*

MP - Estão surgindo rumores por causa da "preferência" que o Lula deu à *TV Globo* logo depois de ser eleito e até mesmo na escolha do único debate em que ele participou no segundo turno. Apesar das suspeitas levantadas por jornalistas de outros veículos, acho que o diferencial da cobertura dessa campanha não foi o tratamento "paz e amor" que o Lula porventura tenha recebido. O que se pode destacar é que, nesta campanha, a imprensa foi mais dura com todos os presidencialistas. O que não faltou foi candidato reclamando da mídia.

ÉTICA E FILOSOFIA

ENTREVISTA COM PE. VAZ

A seguir, reproduzimos a entrevista com Pe. Vaz, extraída da Revista Loyola Filosofia, nº 1, ano 1, 2002, Edições Loyola, página 5. Antes de seu falecimento, Pe. Vaz falou sobre Ética e Filosofia, definindo conceitos, fazendo relações e explicando diferenças.

Qual a origem da Ética?

Atribui-se comumente a origem da Ética como disciplina filosófica ao ensinamento de Sócrates que, com sua pergunta "como devemos viver?", apontou na virtude verdadeira o alvo da vida.

O que é Metaética?

Metaética é a disciplina que estuda a lógica e a linguagem dos conceitos, proposições e argumentações éticas.

Qual a diferença entre Ética e Moral? Por que as pessoas as confundem?

Ética e Moral são etimologicamente termos sinônimos. Provêm dos dois substantivos *ethos* e *mos* que, em grego e latim, significam a mesma coisa: os costumes. Sob a influência de Kant e Hegel, usa-se atribuir a moral à moralidade interior do indivíduo e a ética aos costumes sociais.

Segundo a Filosofia, quais são os problemas éticos que desafiam o ser humano neste século?

Todos os grandes problemas humanos são problemas éticos, sobretudo os que dizem respeito à conservação da vida e aos direitos humanos. Provavelmente os problemas mais importantes, neste momento, estão na esfera da bioética, da convivência humana (problemas da violência) e da vida política (direitos de cidadania).

Como o senhor vê a Ética na política?

A Ética não está apenas na política. A Política, por definição (prática do bem comum), deve ser ética.

Como a tecnologia influencia a Ética?

A tecnologia não influencia diretamente a Ética. Apresenta problemas humanos que têm necessariamente uma dimensão ética.

O uso da Tecnociência é benéfico ou é um risco?

A Tecnociência (unidade da Ciência e da Técnica) é um fato incontestável a ser aceito como tal. Implica riscos que devem ser avaliados segundo as finalidades essencialmente humanas do conhecimento e da produção.

Como a Filosofia está retomando a questão ética?

A Ética sempre esteve presente na Filosofia. Os Antigos dividiam o conhecimento filosófico em Lógica, Física e Ética. O atual avolumar-se dos problemas éticos obriga a Filosofia a fazer da Ética um dos campos principais de reflexão e investigação.

Para quem quiser saber mais sobre a vida e a obra do Padre Henrique de Lima Vaz, SJ, consulte a página <http://www.artnet.com.br/gramsci/link32.htm>

FILME DA SEMANA

FALE COM ELA DE PEDRO ALMÓDOVAR

por Neusa Barbosa - Cineweb 1-11-02.

São dois para lá, dois para cá. Não é um bolero nem um tango, é um quarteto de paixões desfeitas e refeitas, como ondas ao sabor de sua própria natureza. Nenhuma surpresa ou não se estaria num universo de Pedro Almodóvar, aqui habitado por dois homens - o enfermeiro Benigno (Javier Cámara) e o jornalista Marco (Darío Grandinetti) - e duas mulheres - a toureira Lydia (Rosario Flores) e a bailarina Alicia (Leonor Watling).

O inusitado é que as duas mulheres estão em coma, o que, desde logo, estabelece um eficiente paradigma para a dificuldade de comunicação entre as pessoas e a intangibilidade da paixão. Colocar as duas mulheres nesta situação permite ao diretor inverter o estereótipo segundo o qual a fêmea da espécie fala demais, deixando toda a palavra aos dois homens, que exercem de modo completamente distinto essa possibilidade de discurso contínuo.

Benigno é o mais loquaz. Fala incessantemente com a bela Alicia, a musa que cortejava como *voyeur*, pela janela de seu apartamento e que, depois de um acidente, está inerte sob seus cuidados - como uma boneca que ele manipula com uma devoção no limite da perversão. Em outro quarto do mesmo hospital, o jornalista Marco debate-se com sua afasia diante de sua toureira paralisada depois de um enfrentamento desastrado na arena. Entre os dois homens, brota uma solidariedade natural e um princípio de afeto que transcende toda classificação. Almodóvar encharca sua história de um amor em sentido largo, em que despreza os padrões sexuais e ultrapassa, como sempre, a estreiteza da moral convencional, aqui de uma maneira mais serena do que fazia no começo da carreira.

Com seu novo filme, **Fale com Ela**, o cineasta Pedro Almodóvar desafia os críticos. Um desafio estimulante, sem dúvida, porque, por mais vezes que se assista ao filme, é uma façanha encontrar palavras precisas para descrevê-lo, quanto mais achar defeitos nesta construção tão elaborada e sólida, tão emotiva e contida, tão sofisticada e simples ao mesmo tempo. Neste seu 14º filme, Almodóvar assinala mais um tento de uma maturidade criativa, conquistada em sua plenitude desde **Carne Trêmula** (97), ironicamente o único filme que não veio de um roteiro original seu (foi adaptado livremente de um livro da escritora inglesa Ruth Rendell). **Carne Trêmula** marca também o encerramento do segundo ciclo de sua carreira, em que ele encontrou consagração e reconhecimento, iniciado por **Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos** (88) até **A Flor do Meu Segredo** (95). De todo modo, quem viu os primeiros filmes de Almodóvar, recheados de energia anárquica e personagens marginais - como em **Pepi, Luci e as Outras** (80) e **Maus Hábitos** (83) - não poderia imaginar a evolução, inclusive técnica, que marcaria sua obra futura, solidificando a ponte que o aproxima cada vez mais de um monstro sagrado seu compatriota, Luis Buñuel. O gosto de ambos pelo profano e pelo melodrama sendo os dois elos mais visíveis desse parentesco intelectual.

Mesmo assim, não há que negar personalidade a Almodóvar - muito pelo contrário. O colorido de seu melodrama é de uma temperatura muito mais alta do que o de

Buñuel, como se mergulhasse mais fundo e quente nas veias de seus personagens. O Brasil entra fundo nesta pulsação, com a voz de Elis Regina entoando a canção de Jobim, **Por Toda a Minha Vida**, e mais ainda com uma participação em cena de Caetano Veloso, cantando **Cucurrucucu Paloma** - o que merece um comentário do personagem Marco: "Esse Caetano me deixa todo arrepiado". Como em **Tudo sobre Minha Mãe**, Alberto Iglesias responde pelo resto da excelente trilha sonora. As coreografias de Pina Bausch, abrindo e fechando o filme, e o saboroso trecho de cinema mudo em preto-e-branco, **Amante Minguante**, fecham o arco e criam outro desafio, este para Almodóvar: como é que ele poderá se superar e nos surpreender em seu próximo filme?

Frases da Semana

LULA

“O líder petista ganhou o coração dos brasileiros com um programa político baseado no modelo europeu” – Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal), no artigo *Agora é a vez do Fórum Social Europeu*, **Agência Carta Maior**, 4-11-02

FMI

“Estou farto do fundamentalismo do FMI” – Miguel Sebastián, economista chefe do BBVA, expressando o mal-estar dos banqueiros espanhóis ante a postura rígida do FMI frente às urgências de países como Argentina, aluno modelo caído na desgraça, e Brasil – *El País*, 6-11-02.

“É obscuro pedir ao Brasil um superávit de 7% para o ano 2002, enquanto na Europa discutimos sobre o Pacto de Estabilidade, porque os grandes não o conseguem cumprir” - Miguel Sebastián, economista chefe do BBVA – *El País*, 6-11-02.

Comunicações da coordenação

REVISTA

No dia 4 de novembro, a coordenação do IHU reuniu-se com os professores Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, Dr. Pedro Gilberto Gomes, Ms. Sérgio Francisco Endler, Ms. Lauro D'Avila e com a profa. Dra. Ivete Regina Menetzeder Keil, para analisar a possibilidade e a viabilidade da publicação de uma revista.

FÓRUM

No dia 6 de novembro, a coordenação do IHU esteve reunida com o Prof. Dr. Valério Cruz Brittos e com o Prof. MS Álvaro Fraga Moreira Júnior, do Centro de Ciências da Comunicação. A pauta da reunião foi o seminário *Comunicação e contra-hegemonia: pulsar e pensar ações*, a ser realizado nos dias 24 e 25 de

janeiro de 2003 dentro da programação do III Fórum Social Mundial. O seminário é uma promoção da Rede de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação – Eptic. O IHU participará dando apoio ao evento.

CONJUNTURA NACIONAL

No dia 8 de novembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu uma conferência sobre a conjuntura nacional depois das eleições de outubro para a coordenação nacional da Comissão Pastoral Operária, reunida em São Paulo, SP.

COMUNICAÇÃO NAS COOPERATIVAS

Na sexta-feira e sábado últimos, a professora Ms. Vera Regina Schmitz, coordenadora adjunta do Instituto Humanitas Unisinos, esteve em Maceió, ministrando a aula *Comunicação nas Cooperativas* no curso de Pós- Graduação Especialização em Gestão de Cooperativas, promovido pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Maceió (ESAMC). O curso tem o apoio institucional da Unimed Alagipe, Unicred Alagoas e Unisinos.

PROJETO SOLIDÁRIO

No dia 5 de novembro, a coordenação do IHU participou da reunião convocada pela Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão - Procex para discutir o projeto *Solidário Ser. Comprometa-se*, a ser realizado nos dias 13 e 14 de agosto de 2003. Participaram da reunião as professoras Ms. Haide Maria Hupffer, Ms. Elvira Hoffmann, Ms. Vera Lúcia Schneider Bemvenuti e o prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas. O evento será composto de uma mostra vivencial, seminários temáticos, minicursos, workshops e oficinas. O IHU participará da realização do projeto, organizando dois seminários.

EVENTOS IHU

IHU IDÉIAS

RAUL PONT E O PANORAMA DAS ELEIÇÕES

Na quinta-feira passada, dia 7, o *IHU Idéias* contou com a presença do Deputado Estadual Raul Pont, que abordou o tema "*Panorama atual das eleições no Brasil*". Raul Pont fez uma retrospectiva política e apontou a vitória de Lula como um fato histórico, considerando a atividade política oligárquica do Brasil até então. O Deputado expôs uma questão que preocupa o País: a contradição entre a expectativa de mudança depositada no governo de Lula e o "engessamento" econômico que domina o Brasil há anos. Durante o debate, foi levantada a questão da derrota do candidato do Partido dos Trabalhadores, Tarso Genro, no Rio Grande do Sul. Para o Deputado, as próprias pessoas que votaram no candidato vencedor terão uma surpresa quando verem, no Governo do Estado, secretários dos partidos da direita mais tradicional.



Ecos do evento

"O tema abordado é muito pertinente, pois faz uma análise do recente processo eleitoral. Também é pertinente pensar quais caminhos vão tomar o Estado e o País, a partir dos resultados das eleições. Assim como o Deputado Raul Pont levantou, há a necessidade de se criar uma opinião pública política, consciente e crítica. O voto não pode ser por gosto pessoal".

Prof. Dr. Euclides Redin, professor do PPG em Educação, no Centro de Ciências Humanas.

"É importante refletir o assunto para pensar como o Lula vai governar diante dessas regras pré-estabelecidas há anos, desse "engessamento" a que o Deputado Raul Pont se referiu. É preciso pensar como um governo de oposição vai governar com um esquema todo montado pela direita".

José Henrique Ferraro, formando de Jornalismo e repórter da TV Unisinos.

VICTOR HUGO E OS MISERÁVEIS

Na próxima quinta-feira, dia 14, o tema do *IHU Idéias é Victor Hugo e os Miseráveis*, que será apresentado pela Profa. Ms. Mônica Kalil Pires, professora do Centro de Ciências da Comunicação.

Na semana passada, a Profa. Mônica conversou com *IHU On-Line* sobre a importância da obra e sobre o bicentenário de nascimento do autor que se comemora este ano. "Os Miseráveis" é um longo romance, dividido em cinco livros. Confira a seguir trechos da entrevista:

IHU On-Line - Quais os aspectos de maior relevância em "Os Miseráveis"?

Mônica Pires - A sua importância fundamental se deve ao fato de ser a primeira vez que os pobres, miseráveis, são transformados em heróis. Na literatura clássica, o herói é rico, poderoso e belo. Já na obra de Victor Hugo, romântica, o personagem principal é um ex-presidiário que ficou preso 20 anos por ter roubado um pedaço de pão. Além dele há também uma mulher que se prostitui para garantir a sobrevivência da filha. Fantine fica um espantalho humano, devido à miséria (vende o cabelo e os dentes!). Tanto ela quanto ele, porém, têm a beleza da alma. Demonstram uma dignidade fantástica!

IHU On-Line - De que forma Victor Hugo trabalha com os personagens na obra?

Mônica Pires – Muitas das criaturas de Victor Hugo são baseados em fatos reais. É o caso de Jean Valjean e Fantine, por exemplo. Os personagens de "Os Miseráveis" não aparecem como complemento da história dos grandes homens. São *heróis do cotidiano*, que lutam para sobreviver. Ele revela um sentido de nobreza nas pessoas do povo. O autor tem uma concepção de ser humano diferente da atual. Percebe-se uma essência nos personagens, que são homens totalmente bons ou totalmente maus, pessoas absolutas. Isso distancia um pouco sua obra da realidade. Porém, o apelo popular, a atração pelo humano e a voz dada aos desafortunados torna a obra muito atual.

IHU On-Line - Qual a importância de Victor Hugo para a Literatura Universal?

Mônica Pires- Victor Hugo é um escritor francês. Como a Literatura francesa é fonte na qual todas as literaturas do mundo bebem, ele tem uma importância fundamental. É um dos autores mais aproveitados pela mídia. Muitas de suas obras foram passadas para cinema, teatro, musicais, etc. Existem incontáveis versões de "Os Miseráveis" em vídeo, não muito fiéis à obra. Há, por exemplo, uma novela brasileira atual que possui um personagem com o nome do protagonista de "Os Miseráveis", que é Jean Valjean. O filme *Corcunda de Notre-dame*, da Disney, foi baseado no livro do autor chamado *Nossa Senhora de Paris*, de 1831, que também teve várias outras versões para o cinema. Tudo isso demonstra o apelo popular da obra desse autor. Victor Hugo tem uma carreira muito abrangente. Foi poeta, romancista, autor de teatro, crítico, jornalista, historiador e político. Sua obra é vasta, plural. Seu texto é completamente humanista, com orientação moral clara. Quem lê "Os Miseráveis" sai transformado. Não olha mais da mesma forma o sofrimento alheio.

FRASES DE VICTOR HUGO TIRADAS DE SEUS LIVROS:

"Os bons amadurecem; os maus apodrecem".

"Quem não é capaz de ser pobre não é capaz de ser livre"

"É do inferno dos pobres que é feito o paraíso dos ricos."

"Algumas pessoas têm uma biblioteca como os eunucos têm um harém".

"A melancolia é a felicidade de ser triste".

"A vida é apenas a longa perda daquilo que a gente ama".

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DO IHU IDÉIAS NO MÊS DE NOVEMBRO

14/11/02 – Apresentação do tema: Victor Hugo e "Os Miseráveis" - Profa. MS
Mônica Kalil Pires.

21/11/02 – Apresentação do tema: "O amor e suas vicissitudes: as concepções de
crianças e adolescentes" - Profa. Dra. Vera Regina Ramires.

28/11/02 – Apresentação do livro: "Lógica do Nihilismo: Dialética, Diferença,
Recursividade" de Franca D'Agostini. Prof. Dr. Marcelo Fernandes
de Aquino.

O evento IHU Idéias se realiza sempre na sala 1C103 das 17h30min às 19h. Sempre é servido um café e um suco de laranja. Quando da apresentação de um livro, como no próximo dia 28, a Editora Unisinos oferece um desconto de 40% na compra do mesmo.

Pe. Hilário Dick

Hilário Dick é jesuíta, responsável pelo Programa Juventude, inserido no Grupo Temático Cidadania e Exclusão do Setor Ética, Cultura e Cidadania do Instituto Humanitas Unisinos. Também é coordenador do Curso de Pós-Graduação Especialização em Juventude da Unisinos. Apaixonado pela Juventude, Pe. Hilário revela também gosto pela Literatura e pelas Letras.



Origem- Nasci na Travessa Dona Leopoldina, Linha João Alves, em Santa Cruz do Sul. Sou o terceiro filho dos dez que meus pais tiveram. Na escola, era apaixonado pelo professor Artur Guilherme Rauber. Apelidei-o de "juiz de paz da roça", porque resolvia tudo. Ele me deu dois lápis de lousa, porque eu sabia de cor o "Anjo do Senhor anunciou a Maria". Me senti todo importante. O professor Artur esteve presente na minha ordenação e até fez discurso.

Seminário- Ingressei no Seminário de Salvador do Sul, aos 12 anos de idade, motivado pelo charuto estilo rococó do Pe. Felix Darup SJ. Gostei da vivência no seminário.

Formação- Durante o seminário, cursei Filosofia e Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (que veio a tornar-se a Unisinos). Em seguida, cursei Teologia na Faculdade de Teologia Cristo Rei. O Mestrado e Doutorado em Letras fiz na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1971 a 1975.

Profissão- Fui professor durante dois anos no Colégio Anchieta. Depois dei aula de Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Também fui diretor de Teatro, cargo pelo qual recebi prêmio destaque em São Leopoldo. Além disso, fui professor de Literatura Brasileira da Unisinos. Em 1976, comecei a trabalhar com grupos universitários na instituição e fui um dos sete diretores da época, no cargo de Diretor dos Órgãos Complementares.

Pastoral da Juventude- Em 1978, saí da Unisinos e fui morar em Porto Alegre. Comecei a movimentar a área da juventude e, em 1980, foi criado o Instituto Pastoral da Juventude, IPJ. Foi, então, que a CNBB me convidou para ser o assessor nacional da Pastoral da Juventude.

Pelo mundo- De 1983 a 1989, estive no Recife, trabalhando com a juventude na Pastoral da Universidade e com estudantes secundaristas. Depois fiz uma viagem de sete meses pelos países da América Latina e, nessa viagem, escrevi o livro *História da Juventude Estudantil Católica na América Latina*, com base no que vi e vivi no período. Em 1990, voltei para o IPJ, em Porto Alegre, onde fiquei mais 10 anos.

Autores- Guimarães Rosa e Manuel Bandeira.

Livro- *Diário de um pároco de aldeia*, de Georges Bernanos.

Filme- *A sociedade dos poetas mortos*, de Peter Weir.

Uma paixão- A juventude, que é o sacramento da novidade na vida das pessoas, da sociedade e da Igreja.

Planos futuros- Terminar de escrever *A História da Onda Juvenil através dos séculos* e, depois, *A juventude através de obras literárias*. Também quero ver crescer a Rede Latino-Americana de Pesquisadores na Área da Juventude.

Nas horas livres- Passear, tomar cerveja, sair com os amigos e ler.

Momento marcante- A minha saída do Rio de Janeiro. Na despedida, na Rodoviária, havia mais de 300 jovens. Chorei como um bezerro desmamado.

Unisinos- Presença humanizadora no mundo da ciência.

IHU- Encarnação a ser construída da utopia de uma presença globalizante e humanizadora no mundo da academia.

Um sonho- Ver um mundo sem crianças com fome e sem jovens sofrendo de falta de auto-estima.

INTERATIVO

Aniversários

16/11 Profª. Clair Ribeiro Ziebel Assessoria a Movimento de mulheres e Organizações Comunitárias / Unisinos	clair@bage.unisinos.br	1198
--	------------------------	-------------

Cartas do Leitor

Olá Pessoal:
Infelizmente, recebi um novo trabalho na cidade do Rio de Janeiro. Estou partindo hoje. Por conta deste fato, solicito excluir meu e-mail do vosso catálogo de endereço. Assim que tiver novo e-mail, solicitarei reenviar o IHU on-line para o novo endereço eletrônico. Desde já muito obrigado.

Frei Jacir Antonio Zolet

Prezados senhores:

Tive acesso ao boletim eletrônico na Unisinos, no Instituto Humanitas. Sou estudante de Filosofia desta instituição e gosto muito das matérias, que são nele publicadas.

Agradeço pela atenção.

*Viviane Zarembski Braga
Sonae Distribuição Brasil S/A
CD 414 - Frigonal - Montenegro-RS*

Sala de Leitura



"Estou lendo *O lucro ou as pessoas - Neoliberalismo e ordem global*, de Noam Chomsky. Editora Bertrand Brasil, 192 páginas, 2002. O livro é destinado aos que não se dão por derrotados frente à lógica vigente do neoliberalismo, à economia do mercado, que valoriza as grandes corporações e o lucro. A leitura é indispensável aos que buscam formar uma opinião cada vez mais firme e segura diante do privado em detrimento ao social, ao humano".

Prof. MS Sérgio Trombetta, professor do Centro de Ciências Humanas



"Atualmente, leio *Produzir para viver - os caminhos da produção não-capitalista*, organizado por Boaventura de Souza Santos. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002. O livro é o segundo volume da coleção *Reinventar a emancipação social. Para novos manifestos*. Ele traz uma série de estudos sobre experiências econômicas em diferentes países e continentes que se diferenciam e se contrapõem à lógica econômica do capitalismo. Essas experiências demonstram que é possível colocar em prática os princípios da participação, da partilha e da solidariedade na organização da vida e da economia. Demonstram que é possível, ainda, vincular a vida no trabalho, na produção, com a vida no sentido social, afetivo e cultural".

Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger, professor do Centro de Ciências Humanas e diretor de Pesquisa da Proenpe



"Estou lendo *O pensamento mestiço*, de Serge Gruzinski. Editora Companhia das Letras, 2001, 398 páginas. No livro, Serge Gruzinski, reconhecido historiador e paleontólogo francês, desvenda a complexidade e a sutileza da mestiçagem, propondo a reflexão sobre os processos das misturas culturais ou de rejeição a elas, tão presentes na nova ordem mundial marcada, simultaneamente, pela defesa das tradições locais e pelas expressões de xenofobia e de purificação étnica".

Profa. Dra. Eliane Cristina Fleck, professora do PPG em História, no Centro de Ciências Humanas.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é um boletim eletrônico do Instituto Humanitas Unisinos. **Coordenador:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Prof^ª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br

